

Nathália Dienifer Silva dos Reis

**USOS E RESSIGNIFICAÇÕES DAS TRANÇAS E PENTEADOS AFROS
NO PROCESSO DE (RE) AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA**

RIO DE JANEIRO

2022

Nathália Dienifer Silva dos Reis

**USOS E RESSIGNIFICAÇÕES DAS TRANÇAS E PENTEADOS AFROS
NO PROCESSO DE (RE) AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA**

**Projeto de monografia apresentado à Escola Politécnica de
Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz
(EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no
Curso Técnico em Análises Clínicas.**

Orientadora: Valéria Fernandes de Carvalho

RIO DE JANEIRO

2022

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, com muito carinho, a todas as pessoas que me incentivaram a seguir em frente com esse trabalho e com a vida, independente das dificuldades.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos vão diretamente aos meus pais Luciana e Arthur que sempre estiveram presente na minha vida, e que me ensinaram a nunca desistir quando se quer realmente alguma coisa, e que devemos lutar por isso independente do quão difícil seja.

Agradeço aos meus amigos GustavoW., Leonardo Bernardo, Millena Caetano, Manuela Machado, Nicolas Nascimento, Paloma Vitória, Pedro Henrique, Rafaela Almeida, Rílary Câmara

Agradeço a minha orientadora Valéria Carvalho que estive comigo durante esse processo intenso e às vezes até um pouco cansativo de escrita da minha monografia, mas que valeu muito a pena.

Agradeço a uma pessoa que não está mais aqui a minha avó, Maria Edi, que me ensinou muitas coisas, e que com essa monografia me fez lembrar em cada momento da minha infância quando trançava o meu cabelo para ir para creche e entre outras tantas lembranças bonitas que tive com ela.

Agradeço também a minha madrinha, Grazielle Barreto por ter servido como inspiração de empoderamento para mim também.

E também agradeço a Deus, e essencialmente agradeço a mim mesma por não só não ter desistido da monografia, mas também por não ter desistido de mim mesma.

EPÍGRAFE

“Verdade seja dita: se os penteados de etnia africana são vistos como belos atualmente é graças ao processo de ressignificação que as mulheres negras fizeram com eles” (Luane Bento dos Santos)

RESUMO

Na presente monografia abordamos abordar como os penteados afros, particularmente as tranças, podem contribuir no fortalecimento da autoestima da população negra, além disso, buscamos demonstrar como o cabelo afro pode ser compreendido como um dos símbolos de afirmação da identidade negra. As tranças e os demais penteados trançados foram importantes para os povos africanos e para a população afro-brasileira - seja o uso das tranças no ambiente escolar, no ambiente de trabalho e nos diversos espaços de convivência. Usadas em vários espaços da sociedade, elas são muito importantes para as pessoas negras, apesar da imposição do padrão estético existente na sociedade brasileira que ainda corresponde, de forma hegemônica, ao europeu. Pretendemos também falar das tranças nos dias atuais e como elas contribuem no processo da autoestima das pessoas negras¹ que vivem na diáspora africana - pessoas de diversos gêneros, geração, escolaridade, religião e posição de classe. As tranças demonstram o quanto algumas características ancestrais² da cultura da população negra são fortes e que não caíram no esquecimento ou simplesmente foram apagados. Para isso utilizaremos de revisões bibliográficas, levantamentos literários e entrevistas com pessoas do sexo feminino que são usuárias de tranças e que trabalham oferecendo o serviço das tranças.

Palavras-chaves: Herança africana, ancestralidade, tranças africanas, relações étnico-raciais, conhecimentos.

¹ De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pessoas negras são aquelas que se autodeclararam pardos e pretos.

² Ancestralidade entendida no sentido exposto por (RIBEIRO, 2020), “(...) como um valor estruturante onde pessoas pretas encontraram espaço e fôlego para se apoiar e defender o que lhe restava de identidade humana subtraída pelo rapto e pela violência colonial”. “O futuro é ancestral”, In: RIBEIRO, Katiúscia, Le Monde Diplomatique, 19.11.2020, acervo Online Brasil. Acesso em 20/09/2021.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. CAPÍTULO 1: USOS E SENTIDOS DAS TRANÇAS EM ALGUNS TERRITÓRIOS AFRICANOS.....	11
3. CAPÍTULO 2: NEGRITUDE, PENTEADOS AFROS E A (RE) AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA.....	15
3.1 Análise das entrevistas (2.1): uso das tranças e penteados afro como resistência política e social.....	19-31
4.CONCLUSÃO.....	31
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33
ANEXO: Questões para os sujeitos da pesquisa.....	36

1. INTRODUÇÃO

A presente monografia aborda como tema central os significados dos usos do cabelo crespo, particularmente os usos das tranças afros, como ato político, no processo de (re) afirmação da identidade negra e se constituem como ferramenta de resistência política e social.

A escolha desse tema se dá, por eu ser uma jovem negra que tem laços extremamente fortes com a cultura africana e a minha ancestralidade negra - que vem resistindo e ressignificando a cada dia na vida da população negra, e por também ter afetação e respeito por meus ancestrais. Nossas tradições continuam passando de mãe para filho (a), como é bem descrito no vídeo “Tranças - O Curta³” de 2021. E foi através das tranças que consegui terminar a transição⁴ capilar o que ajudou na autoestima e na reafirmação enquanto pessoa de diáspora negra.

O tema que resolvi pesquisar, apesar dos avanços, ainda é um assunto que infelizmente se sabe muito pouco. E grande parte disso ocorre pelo apagamento histórico e processo de violência que os povos africanos e afro-brasileiros sofreram durante o período colonial. Por esse motivo, quando procuramos em sites acadêmicos na internet, bibliotecas virtuais, pela nossa história e cultura africana e afro-brasileira não conseguimos encontrar muitas informações sobre assuntos relacionados aos cabelos, e o pouco que achamos ou são coisas que já havíamos visto em outro site, como podemos constatar em nossa pesquisa, ou acabamos encontrando em sites em outros idiomas que não temos muito conhecimento do que diz a respeito, mas que por vezes esses mesmos sites em outros idiomas ou escrevem sobre penteados sem necessariamente se aprofundar de fato na sua origem, seus sentidos, significados e ressignificações, etc.. E sim, a palavra citada “significados” no plural está certa, pois assim como as tranças não tem uma história única, os significados para cada um dos diversos povos também se modificam.

Para a comunidade negra o assunto das tranças não é importante só por todas as questões já citadas, mas por ser de suma importância ao carregar muitos dos conhecimentos de nossos ancestrais que passados de geração a geração.

³ O curta trata da forma como a tradição de trançar os cabelos passada de avó para mãe, e de mãe para filho (a).

⁴ A transição capilar é o processo que se passa quando se pára de passar produtos químicos que consequentemente alisam os cabelos. Dessa forma voltando a ter seu cabelo natural (de nascença).

Outro dado é que muitos educadores não efetivam a implementação das leis 10.639/03⁵ e 11.645/2008⁶. Leis que podem contribuir no processo de conhecimento e conscientização, por parte dos estudantes, de que não há um único e absoluto padrão de beleza, o que também é importante para a autoafirmação da pessoa negra que desde a infância é bombardeada por desenhos e materiais didáticos e paradidáticos com personagens brancos e de traços europeus colocados como personagens principais. Desde a infância as pessoas negras não se veem representadas. De acordo com a Nilma Lino Gomes, ex-ministra da Igualdade Racial⁷:

O estudo sobre o corpo e o cabelo, como ícones da identidade negra presentes nos processos educativos escolares e não escolares, poderá apontar-nos outros caminhos além da denúncia da reprodução de preconceitos e estereótipos. A manipulação do cabelo do negro e da negra, nessa perspectiva, pode ser vista como continuidade de elementos culturais africanos ressignificados no Brasil. Parafraseando Munanga (2000, p. 99), quando este autor escreve a respeito da arte afro-brasileira, podemos dizer que descobrir a africanidade presente ou escondida na manipulação do cabelo do negro e da negra da atualidade, e nos penteados por eles realizados, constitui uma das preocupações primordiais para a definição da força histórica e cultural desse segmento étnico/racial. Esses são aspectos a serem considerados pela educação escolar (GOMES, 2002, pág. 50).

Nesse sentido, as leis citadas acima são fundamentais para o enfrentamento aos estereótipos e reprodução de preconceitos em relação à população negra e, ao mesmo tempo, para o reconhecimento e valorização da identidade e cultura negra no âmbito escolar. A lei 10.639/03 é de extrema importância para evidenciar que a África é o berço da humanidade. Sendo assim, a história dos povos africanos não começou a existir a partir da sua escravização. O continente africano é muito antigo, têm várias línguas, civilizações e desenvolveu diversas tecnologias e conhecimentos. E, a lei federal 11.645/08 que entrou em vigor no início do século 20 diz que independente do nível escolar e a aprendizagem da história da África, Cultura Afro-brasileira e Indígena devem ser ensinadas (SAUIMBO; ROCHA, 2017). No que diz respeito às populações negras, estes autores explicam que “(...) Eis que se apresentaram grandes desafios para os estudos Africanos que durante séculos não fizeram parte do nosso cotidiano escolar”

⁵ “(...) incluirá estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e políticas pertinentes à História do Brasil”. BRASIL. Lei Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

⁶ “(...) incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. BRASIL. Lei Nº 11.645, de 10 março de 2008.

⁷ Foi ministra entre janeiro a outubro de 2015, durante o governo de Dilma Rousseff.

(pág.40). E isso é verdade, pois, na maioria significativa das escolas, não ouvimos falar, por exemplo, da sociedade nilóticas da antiguidade, sociedades antigas do Nilo, Alto e Baixo Egito, Kemit, Aegyptus, sociedades pastoris dos chifres da África que tinha o cabelo de certa forma particular que “imprime aspectos materiais e identitário”, segundo SAUIMBO E ROCHA (2017):

Acreditamos que a discussão exposta não se esgota, a constatação de uma pluriethnicidade dos cabelos da cabeça pode ser considerada um laboratório cheio de indicativos para a construção de alternativas para sofisticar os conteúdos didáticos em sala de aula, que há séculos distanciam grupos africanos uns dos outros (págs. 53 e 54).

Analisar os significados dos usos das tranças no processo de (re) afirmação da identidade negra e se constituem como ferramenta de resistência política e social. Para tanto, apresentei os usos e sentido das tranças em alguns territórios africanos e identifiquei como as tranças podem contribuir para mudar a autoestima da população negra.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento da monografia foi baseada na abordagem qualitativa, procurando atingir os objetivos gerais e específicos, usando como estratégias de pesquisa a revisão da literatura científica por meio de buscas de artigos científicos, livros e trabalhos por meio da busca nas bases de dados como SciELO e Google acadêmico, tendo como referência os descritores: identidade negra, ancestralidade, tranças africanas, relações étnico raciais. Como ferramentas de investigação utilizarei questionário com perguntas semi-estruturadas (com pessoas entre 17 e 45 anos). As entrevistas serão realizadas com trançistas e os questionários serão aplicados aos usuários pertencentes ao grupo racial de diáspora afro-brasileira.

CAPÍTULO 1: USOS E SENTIDOS DAS TRANÇAS EM ALGUNS TERRITÓRIOS AFRICANOS

Para as populações africanas trançar cabelos é uma arte antiga e seu uso pode ser relacionado à civilização da história antiga como os egípcios (3.550 A.C), segundo NAIZ (2019). Como a revisão de literatura demonstrou, não é possível falar de uma história única dos penteados trançados, e muito menos dos seus diversos e múltiplos significados, no espaço deste trabalho monográfico.

Os penteados trançados estão repletos de significados muito antigos. Em algumas regiões da África, por exemplo, uma percepção bastante comum era as pessoas, ao se depararem na rua com uma mulher que consideravam estar “descabelada” entenderem que ela poderia ser viúva e estar no seu período de luto - haja vista que os penteados também podiam ser usados para atrair pessoas do outro sexo –, afastando assim os olhares de possíveis futuros pretendentes (CLEMENTE, 2010).

Entretanto, os trançados não se baseiam apenas nesses significados, mas em outros significados variados. Na África Antiga podia não haver um idioma universal, mas os penteados possuíam uma linguagem universal para os africanos e as africanas. Em vários povos, os cabelos trançados iam além do valor estético. De acordo com GOMES (2006), no ato de apenas olhar para o cabelo de uma pessoa já era possível saber: sua classe social, região geográfica, estado civil, identidade étnica, religião, status dentro da sua própria comunidade e sobre sua vida pessoal.

Notamos também que por mais que alguns povos africanos não entendessem a língua do outro ou que entre os povos houvesse certa rixa, a linguagem dos penteados de alguma forma era bastante significativa para os povos africanos. Eles tinham o mesmo apreço pelos cabelos e trançados, como apontam SAUMBO e ROCHA (2017):

Os grupos étnicos etíopes Afar Karrayyu, Bofana e Hamar, dedicam-se muito à estética dos cabelos, tendo-os como elemento identitário. Comumente usam manteiga para modelar seus cabelos, criando ondulações elaboradas. A representação dos penteados revelam masculinidade e feminilidade, seu pertencimento clânico e diversos papéis sociais desempenhados na ordem política, econômica e religiosa. Os diferentes penteados são usados para indicar uma série de distinções de status, os diferentes graus de estratificação: virgens e mulheres casadas, meninos, mulheres e homens, nobreza e plebeus, indivíduos insiders e outsiders. O status do guerreiro é indicado pelo cabelo pintado de manteiga (Hadiyya), em vermelho ocre (Sidamo) ou usando apenas de avestruz no cabelo (Somali). Entre os Amhara o status de guerreiro (shifta) é indicado por um cabelo selvagem e espesso. Entre os Dorze, as mulheres dos líderes da assembleia são conhecidas por usarem o cabelo trançado sobre a testa, formando uma espécie de escudo na testa. Entre o povo Gurage, “homens pobres” tinham a cabeça completamente raspada; os homens “comuns” usavam pequenas tranças na parte de trás ou uma trança na parte central da cabeça; idosos e “homens ricos” usavam os cabelos crescidos (págs. 48 e 49).

Para os povos africanos, a relação com o cabelo não se limitava apenas aos cabelos da cabeça, o corpo também era muito valioso. Para diversos deles, o corpo tinha ligação direta com as divindades, era considerado sagrado. Os autores citados acima, baseados nos estudos de Stith Thompson's Motif Index folk Literature (1955-1958), mostram como entre o povo Karrayyu⁸, e também na divindade egípcia Osíris⁹, é possível compreender através dos diferentes penteados e adornos usados nos mesmos, a representação sexual, o efeito mágico, a potência mágica que tinha um vínculo com o indivíduo e sua categoria. Destacam ainda, por meio de relatos ligados às religiões africanas e de seus ritos de passagem, os ritos duais, como: a relação de “nascimento e morte, sagrado e profano, união e separação, puberdade e maturidade” isso na África etíope, e citam os cuidados especiais que eram utilizados para cuidar dos cabelos afros, como o elixir lácteo, que servia para condicionar as mechas dos cabelos (idem p. 50 e 51). Os cabelos para diversos povos africanos eram compreendidos como algo sagrado, eram uma forma de se ligarem aos seus deuses e deusas.

Ainda sobre diversos sentidos e significados, Lawo-Sukam e Acosta de 2016 apud SANTOS, 2019, destaca que, entre os povos africanos escravizados na Colômbia, as tranças serviram como mapa e rota de fuga para chegar até os quilombos que por consequência acabavam também sendo um meio de avisarem um aos outros quando e para onde fugiriam e, em alguns casos, tinha como função guardar sementes para serem plantadas para sua sobrevivência, quando conseguissem chegar aos quilombos, sendo o uso das tranças uma das formas de resistir às violências da escravidão.

Essa riqueza histórica, ancestral e cultural do continente africano permitiu e permite que os afrodescendentes mantenham vivos, através da memória, de suas ressignificações e reinvenções, a ancestralidade africana - mesmo não estando de fato na África (CLEMENTE, 2010).

Apesar de os penteados trançados ter sofrido uma série de modificações e de ressignificações durante o período escravocrata, que sequestrou diversos povos africanos de seus territórios, consideramos que parte significativa da população negra ainda preservar vínculos com sua ancestralidade e dessa forma carrega essa herança, que é ensinada e passada de geração para geração. Assim fazendo os diversos povos

⁸ Grupo étnico etíope

⁹ Identificado como Deus da vida após a morte, da transição, ressurreição e regeneração, Deus da guerra e da fertilidade.

afrodiaspóricos entenderem os cabelos e tranças afros como uma forma de resistência, uma forma de liberdade, uma forma de reafirmação e um modo de identidade, além de ser uma forma de expressão cultural negra, segundo Silva (2012).

Santos (2019) explica que “[...] os cabelos com tranças é uma prática do íntimo, normalmente, aprendida no contexto familiar ou em outros espaços de sociabilidades negras” (pág. 127). Esta autora também observa que:

Outrossim, as técnicas de entrelaçamento para cabelos crespos foram “eleitas” pelos movimentos negros como símbolos estéticos “legítimos” e “afirmativos” da construção das identidades negras. Identidades ligadas às novas perspectivas sobre corpo e cabelo dos negros e em busca de outras construções discursivas, isto é, distantes dos argumentos de preconceitos, estereótipos, racismo, invisibilidades construídos sobre corpos e cultura negras” (p. 127).

O ato de trançar os cabelos e de ter os cabelos afros tem sido um movimento de resistência cultural ao padrão de beleza europeu. Um movimento de identificação para as pessoas negras e que traz recordações do período da infância na fase adulta. Sendo lembrado como algo doloroso e afetivo o processo que envolve a técnica de trançar cabelos.

Trata-se, dessa forma, de uma herança cultural negra que foi por muito tempo desqualificada e excluída, seja no período da escravidão, seja nos tempos atuais. Porque o cabelo afro não era e ainda não é aceito socialmente. Por exemplo, no ambiente escolar: crianças negras têm seus cabelos e aparências rejeitadas, logo neste espaço, onde ela vai passar a conviver com outras pessoas.

Crianças negras são ridicularizadas por crianças não negras o que acaba causando um sofrimento na criança negra que tem seu cabelo ou outros atributos físicos como alvo de violências simbólicas e discursivas, ainda hoje denominadas de “brincadeiras” (CLEMENTE, 2010, págs. 9 e 10).

Isso produz uma não aceitação dos traços fenotípicos por parte das crianças negras. Elas acabam cedendo à vontade de uma sociedade estruturalmente racista (como é a sociedade brasileira), elas acabam alisando os seus cabelos na esperança de se encaixarem dentro do padrão de beleza branco, que ainda prevalece em nossa sociedade, buscando assim evitar as diversas violências raciais. Parte delas somente volta a se reconectar com sua aparência na adolescência ou na fase adulta, como explica GOMES (2002).

Segundo Silva (2012):

Um dos fatores marcantes e viabilizados pela colonização, a nosso ver, foi à contribuição africana na formação de nossas identidades, no entanto o que deveria ser motivo de reconhecimento se entranhou na mentalidade social sobre as mais diversas formas de racismo, no qual os negros, durante muitos anos foram inferiorizados nas mais diversas esferas sociais, sendo submetidos a massacres, exploração, segregação e discriminação sendo cobertos por

estigmas de negatividade, que ainda na contemporaneidade permanece sob a forma de racismos sem atores (pág.4).

Na década de 1990, era muito raro ver pessoas negras usando seus cabelos *black*, trançados, ou com qualquer penteado afro como os que Angela Davis¹⁰ usou durante seu julgamento¹¹ - momento no qual os cabelos e o vestuário afros eram qualificados como “folclóricos, exóticos, selvagens e outros adjetivos pejorativos”, de acordo com SANTOS (2019, p. 131).

SILVA (2012) também aborda que era:

“[...] era uma forma de assumir um cabelo crespo à luz da estética capilar africanizada, tornando-se uma atitude política de afirmação étnico-visual e, portanto uma expressão de engajamento antirracista, embora esta não seja uma perspectiva determinante” (pág.5).

¹⁰ Filósofa, professora do departamento de estudos feministas da Universidade da Califórnia. Integrou o Partido dos Panteras Negras para Autodefesa e o Partido Comunista dos Estados Unidos.

¹¹ Angela Davis foi presa em outubro de 1970 após ser acusada pelos crimes de sequestro, de assassinato e de conspiração. Ela mobilizou uma campanha mundial em favor de sua libertação. Campanha que ficou conhecida como “Libertem Angela Davis!”.

CAPÍTULO 2: NEGRITUDE, PENTEADOS AFROS E A (RE) AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA.

No início do século XX, a palavra “*negré*” em francês era um termo pejorativo que tinha como intuito desqualificar, desclassificar ou ofender o negro. Embora tivesse a existência dessa palavra também existia outra, “*noir*”, uma palavra francesa que tinha como significado negro, mas diferente da palavra “*negré*”, “*noir*” era um termo respeitoso e não ofensivo, e foi através das reflexões acerca dos significados e simbologias destes termos que muitos movimentos surgiram para modificar o sentimento e pensamento que ser negro é algo ruim. Dessa forma o termo “negritude”, utilizado de forma pejorativa, passa a ser utilizado como importante instrumento político pelo movimento negro na luta antirracista e no processo de fortalecimento da identidade negra e da consciência racial em diversos países no mundo, através da disseminação do orgulho de ser negro/a entre os povos negros afrodiáspóricos. Assim se constitui o movimento da negritude uma resposta à supremacia branca (DOMINGUES, 2005).

O termo negritude vem adquirindo diversos “usos e sentidos” nos últimos anos. Com a maior visibilidade da “questão étnica” no plano internacional e do movimento de afirmação racial no Brasil, negritude passou a ser um conceito dinâmico, o qual tem um caráter político, ideológico e cultural. No terreno político, negritude serve de subsídio para a ação do movimento negro organizado. No campo ideológico, negritude pode ser entendida como processo de aquisição de uma consciência racial. Já na esfera cultural, negritude é a tendência de valorização de toda manifestação cultural de matriz africana. Portanto, negritude é um conceito multifacetado, que precisa ser compreendido a luz dos diversos contextos históricos (DOMINGUES, 2005, pág. 1 e 2)

De acordo com esse autor, o movimento de negritude nasceu fora da África, teve seu surgimento possivelmente nos Estados Unidos, com algumas expressões também nas Antilhas, até chegar à França - onde ganhou corpo e foi sistematizado, e assim prosseguiu até se espalhar por toda África negra e nas Américas.

Du Bois (1868-1963) ¹² - importante intelectual e militante pelos direitos civis nos Estados Unidos - é um dos primeiros ativista a exaltar o orgulho de ser negro, e por isso é considerado o pai simbólico do movimento Negritude. Este termo é formulado posteriormente ao movimento da tomada de consciência racial negra, adquirindo outras denominações em diversos países no mundo, em Cuba, por exemplo, verifica-se a

¹² Intelectual que foi uma importante referência na luta tanto pela independência dos países africanos do jugo colonial quanto pela construção de unidade africana – movimento político e cultural - que ficou conhecido como pan-africanismo.

mesma movimentação com o nome de “movimento de negrismo” - comandado principalmente pelo poeta Nicolás Guillén. No Haiti, Jean Price-Mars articula o movimento indigenista de reabilitação da herança cultural africana, que tinha como objetivo a valorização das línguas crioulas e a religião de vodu - cumprindo importante papel na luta anticolonial, através da conscientização e resgate das raízes africanas do povo haitiano (DOMINGUES, 2005, pág. 2 e 3). O movimento Negritude adquire muitas nuances e expressões devido às particularidades que o racismo adquiri diversos países, no entanto apesar da diversidade verificada é possível perceber que o ponto em comum a todos eles é a luta por tornar-se negro/a, orgulhar-se de ser negro/a, rompendo com a negação de si mesmo/a internalizada pela perspectiva racista.

A internalização dessa perspectiva produzia e ainda produz entre a população negra em diáspora, alguns procedimentos, entre eles: o alisamento do cabelo, principalmente as mulheres; se vestir de acordo com a moda europeia ou se esforçando para pronunciar de maneira correta as linguagens usadas nas metrópoles, para assim tentar escapar um pouco do preconceito, mas o que às vezes também não surtia muito efeito diante do preconceito e discriminação racial (DOMINGUES, 2005, pág. 8).

E assim se chega à conclusão que todo esforço do negro para se encaixar em uma sociedade misógina, desigual, patriarcal e racista é em vão e ridicularizada, pois o mesmo era e ainda é vítima de vários tipos de humilhações, entre outra conclusão que é de ter deixado toda crença, cultura e tradições para trás, assim perdendo um pouco de si por conta do racismo enraizado na sociedade (DOMINGUES, 2005). Mas através do movimento Black Rio que apresentarei em breve podemos ver que por um certo tempo a beleza negra foi ,motivo de esperança, orgulho e celebração nos anos 70 no Brasil ano que a população ainda era muito oprimida pela sua própria sociedade que fazia questão de mostrar e falar qual era o padrão de beleza esperado para todas as sociedades até as homogêneas como é a sociedade brasileira.

Nos anos 70 o movimento Black Rio ou também conhecido como movimento Black soul chegou ao Brasil, e ocupou principalmente as favelas do Rio de Janeiro (OLIVEIRA, pág. 79 a 83, 2015). Esse movimento não foi marcado apenas por reunir milhares de jovens afro-brasileiros todos os finais de semanas em quadras de escolas de samba ou clubes sociais recreativos para bailes black dançantes com premiações para dançarinos, mas também pelo peso e caráter de resistência cultural e afirmação da identidade negra, assim se opondo ao mito de democracia racial, através de concursos de beleza que tinha como participantes garotas afro da diáspora brasileira, e as mesmas

exibiam seus belos black durante esses concursos que buscavam exaltar a beleza negra diferente de outros concursos da época que faziam justamente o oposto e rotulavam um padrão de beleza eurocêntrico para que o mesmo fosse alcançado por todos/as, inclusive os/as negros/as.

Os bailes Black também foram fundamentais para pessoas da periferia entrar na indústria da música, e por mais que tenha beneficiado pessoas de diáspora, os mesmos também trouxeram benefícios para pessoas brancas, e para a movimentação de capital, pois o movimento Black Rio chamou bastante a atenção das emissoras de TV e rádio, e sem contar que não havia um jovem que não quisesse ter um disco com algumas das músicas tocadas no baile de artistas nacionais e internacionais que também eram de diáspora negra, assim trazendo uma representatividade que não lhes era dada.

Dessa forma, é possível verificar que o movimento Black Rio teve influências do movimento: *black is beautiful, black power, power to the people, soul brothers*.

Como muitos movimentos negros, o movimento Black Rio também foi muito criticado quando começou a ser comercializado, entre outros fatores que foram encontrados para criticar esse movimento como seu estrangeirismo e pela sua abordagem “pop-cultural” para combater o racismo em vez de uma instrumentalização mais política, mas de 1975 a 1978 essas críticas não fez com que o movimento diminuísse ou fosse contido, pelo contrario o movimento que se localizava apenas no Estado do Rio de Janeiro passou ocupar também a cidade de São Paulo e Bahia, entre outras cidades que “incorporando inflexões locais á medida que se difundia” (OLIVEIRA, pág. 83, 2015).

[...] Ou seja, a Black Rio surge como uma resposta ao mercado, e dele ela não pode ser totalmente desvinculada em suas interpretações. Da mesma forma, sua articulação ao consumo não retira seu potencial político e subversivo, contido nos atos cotidianos, nas performances produzidas tanto nas pistas de dança quanto fora delas [...]. É nesse ponto que o consumo pode ser visto como uma manifestação de sujeitos e identidades que interagem entre si em uma experiência coletiva de apropriação e uso de produtos culturais [...] (OLIVEIRA, pág. 83, 2015).

Por isso que acredito que ser negro/a em um mundo que se diz igualitário já se pode dizer que é um ato político de resistência, e não há livros ou documentários que me digam isso, pelo contrário, eles apenas reforçam o que vivo diariamente por ser uma mulher negra, assim como outros negros. Vivemos as diversas formas que o racismo se dissemina, seja por um comentário agressivo, agressão verbal ou violências verbais racistas, denominadas de “brincadeira” – ditas nas escolas, locais de trabalho ou na rua.

Coisas desse tipo nunca tiveram hora, data marcada ou local para acontecer tanto

que já se foi presenciada no Oscar com atriz Zendaya que na época tinha 18 anos, e que recebeu um comentário racista de uma apresentadora (Giuliana Rancic) de um canal americano que disse que os dreads looks usados no tapete vermelho pela atriz a fazia parecer alguém que cheirava a óleo de patchouli e maconha¹³. E esse foi um caso que repercutiu bastante na internet tanto que a própria atriz se pronunciou em 2015 sobre o assunto por meio das redes sociais (Twitter):

"Existe uma linha tênue entre o que é engraçado e o que é desrespeitoso. (...) Dizer que uma jovem mulher de 18 anos com locs deve cheirar a óleo de patchouli ou "maconha" não é apenas um grande estereótipo, mas extremamente ofensivo. Meu pai, meu irmão, meu melhor amigo da infância e meus primos pequenos usam locs. (...) Já existe uma crítica muito dura aos cabelos de afros-americanos na sociedade sem a ajuda de pessoas ignorantes que julgam os outros de acordo com as curvas de seus cabelos. Usei os locs no tapete vermelho do Oscar para ajudar a mostrar a luz sob uma luz positiva para lembrar as pessoas de cor de que o nosso cabelo é bom o suficiente".

Comentários desse tipo, além de dar uma visão errada aos dreads ou qualquer outro penteado afro, também desumaniza as pessoas pertencentes a esse grupo diaspórico. E esse não é infelizmente o único caso conhecido, mas também há casos assim em solo brasileiro como o caso da filha adotiva, Titi do casal Bruno Gagliasso e Giovanna Ewbank, que ocorreu em 2016, entre outros não só ocorrido no mundo dos famosos¹⁴. E diante desses relatos, concordo com o seguinte questionamento: “De onde surgiu a ideia que cabelo bom é cabelo liso? O cabelo que não é o cabelo afro?” (SILVA E BRAGA, pág.1, 2015).

Lembro que no meu ensino fundamental contavam bastante a lenda, ou não tão lenda assim, acerca da ideia dos senhores de engenho do clareamento da população negra através do abuso sexual das mulheres escravizadas, para que assim pudessem por fim aquela raça tão “indesejada, desqualificada e selvagem”. Então acredito fortemente que a ideia de “cabelo bom é cabelo liso” não é uma ideia de um negro de diáspora, e sim do colonizado branco europeu que nos impôs isso, e que fez dela (a ideia) uma falsa ideia do que poderíamos fazer para sermos aceitos, e nos camuflar em uma sociedade estruturalmente racista, assim não precisaríamos ser julgados e desprezados pelo os olhares dessas dessa sociedade no qual somos à margem dela (SILVA E BRAGA, pág.

¹³ (O globo, 2015-

<https://oglobo.globo.com/ela/gente/apresentadora-acusada-de-racismo-apos-piada-sobre-uso-de-dreads-no-tapete-vermelho-16948632>).

¹⁴ (Extra, 2017 -

<https://extra.globo.com/famosos/titi-filha-de-giovanna-ewbank-bruno-gagliasso-alvo-de-racismo-22116918.html>).

3, 2015).

2.1 Análise das entrevistas: uso das tranças e penteados afro como resistência política e social

Durante a pesquisa realizei trabalho de campo com o intuito de analisar os significados dos usos das tranças no processo de (re) afirmação da identidade negra e verificar se constituem-se como ferramenta de resistência política e social.

A coleta do material empírico foi realizada através da distribuição do formulário Google forms, para mulheres negras jovens da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fiocruz e para duas trancistas, que fazem parte do meu círculo de relações. Optei por apresentar a análise das respostas das entrevistas de acordo com as perguntas que fiz, pois considerei que esta seria a melhor metodologia para desenvolver minha escrita.

Questão 1: Você já alisou seu cabelo alguma vez? Por quê?

A maioria das entrevistadas já alisou o cabelo ou fez relaxamento em seus cabelos crespos. Verifica-se que este processo inicia-se desde a infância por decisão majoritariamente das mães e/ou familiares, a mídia também aparece como uma importante influenciadora para essa tomada de decisão. A entrevistada que citou a mídia como fonte de inspiração para o alisamento do cabelo, não aprofundou sua resposta, mas é possível inferir como esse processo ocorreu dado o peso que os meios de comunicação têm na imposição do padrão de beleza hegemônico difundido pela mesma. Duas entrevistadas referem-se também a essa imposição do padrão de beleza advindo de diversas instituições sociais: escola, mídia e família, dessa forma pondera-se que a população negra ainda na infância é submetida à desconstrução de sua identidade e a negação de si mesmo, aprendendo a não gostar da textura de seus cabelos e a achá-lo feio.

“(...) quando eu tinha $\frac{3}{4}$ anos minha mãe alisou meu cabelo, pois não gostava da textura do meu cabelo natural” [Entrevistada 7].

“(...) eu achava que eu seria bonita como as outras garotas se eu tivesse o cabelo como o delas” [Entrevistada 2]

Interessante observar também que a imposição do padrão de beleza é tanto interna (começando, muitas vezes, dentro da própria família no processo de reprodução do racismo internalizado), quanto externa – através das diversas violências raciais sofridas logo que a população negra adentra na escola.

“(...) achava cabelo crespo feio e sofria muito bullying na escola por causa dele” [Entrevistada 6]

Algumas mães, para evitar que seus filhos/as sofram violências raciais na escola, optam por alisar os cabelos de suas filhas ou raspar os cabelos de seus filhos. Por vezes, tal atitude é uma forma da mãe/família proteger seus filhos e suas filhas do racismo instalado na sociedade e já sofrido por muitos membros da família ao longo de suas vidas, tentando evitar que suas crianças passem por essas violências.

Percebe-se também na resposta de uma das entrevistadas, algo que é muito comum em nossa sociedade: a caracterização da violência racial como se fosse bullying, atribui-se isso ao mito da democracia racial que atravessa nossa sociedade, mascarando e dificultando o enfrentamento às violências raciais.

Nas respostas a essa questão já aparece o argumento de que o cabelo com qualquer tipo de química seja alisamento ou relaxamento é mais fácil de cuidar do que seria com os cabelos crespos, tal idealização revela o quanto a população negra ainda desconhece a história dos penteados e cuidados possíveis dos cabelos crespos, o quanto sua história foi negada e apagada, o quanto o acesso ao conhecimento de seus antepassados foram negados, dentre estes conhecimentos: os diversos processos, ritos e cuidados específicos para o cabelo realizados pelos diversos povos na velha África que iam muito além do valor estético – como já abordado no capítulo 1.

Questão 2: Quando e por que parou de alisar?

Relatos do tipo "eu não sabia como era meu cabelo de verdade" e "eu queria saber como era meu cabelo de verdade" foram um dos mais vistos na resposta à segunda questão, pois desde muito cedo crianças negras são bombardeada com um padrão de beleza europeu que não as pertencem, que por muitas vezes - por falta de escolha que a sociedade dá a essa criança as mesmas por vontade dos pais ou de si mesmas acabam optando pelo alisamento de seus fios. E com essa atitude faz até a própria criança desde muito cedo acreditar que seu cabelo crespo não é bonito o suficiente, assim não só desvalorizando o seu cabelo, mas também sua identidade negra e essa visão de que o cabelo afro é um cabelo feio está diretamente ligada à visão que os colonizadores tinham dos africanos, e que se reproduz até os dias atuais. Tais relatos revelam a profundidade da violência racial ao impedir, dada a imposição do padrão branco de beleza, que as pessoas

negras conheçam parte de si mesmas, no caso: seus cabelos – elemento fundamental no processo de construção da sua identidade negra.

“Quando eu tinha uns 14 anos e parei de alisar porque eu queria saber como meu cabelo era de verdade [Entrevistada 2].

“Parei de alisar o cabelo com 16 anos, pois nunca tinha visto meu cabelo natural, tinha muita curiosidade de ver. Também foi na mesma época que começaram a falar mais sobre transição capilar, comecei a acompanhar na internet pessoas com a mesma textura do meu cabelo crespo, e aprendi a gostar [Entrevistada 5].

Verifica-se na resposta da entrevistada acima, a importância dos movimentos negros e ativistas negros/os no processo de desconstrução da imposição do embranquecimento através dos diversos meios de comunicação contra hegemônicos. Essas iniciativas têm sido fundamentais para o fortalecimento do reconhecimento e afirmação da identidade negra, haja vista que, muitas vezes, essa desconstrução – por ser tão internalizada – não é fácil.

“Parei de alisar faz sete anos, pois depois de muito esforço da minha mãe, consegui enxergar que o meu cabelo é uma das coisas que tenho de mais valioso no meu corpo, na minha identidade [Entrevistada 3].

Parei de alisar em 2021 porque comecei a amar meu cabelo crespo e parei de ligar para a opinião dos outros [Entrevistada 4].

Outra motivação para a ruptura do processo de alisamento foram as danificações e os machucados provocados pelos produtos químicos no couro cabeludo. Isso evidencia o quanto as mulheres negras são violentadas e se violentam para enquadrarem-se no padrão de beleza branco imposto a elas, afinal querem se sentir bonitas e consideradas pessoas bonitas. E desde que são muito pequenas, tudo que ouvem, tudo que lhes ensinam é que seus traços são feios, exóticos e selvagens, daí a busca incessante para se enquadrar no padrão de beleza branco. Tal violência não se restringe ao aspecto físico (queimaduras no couro cabeludo), pois deixam profundas marcas psicológicas e emocionais na população negra, através do auto-ódio e da negação de si mesmos/as.

“Eu parei de alisar durante a pandemia, no início fui obrigada a parar de alisar, pois estava tudo parado, eu não queria fazer a transição, porém com o tempo comecei a gostar dele e me aceitar do jeito que sou” [Entrevistada 8].

No entanto, como já citado, a transição do cabelo liso para o cabelo crespo para as mulheres é enxergado de maneira diferente do que seria para os homens, pois, para a

sociedade, a beleza da mulher em geral está quase que estritamente atribuída ao seu cabelo. Isso me faz lembrar que um dos povos africanos já citados nesse estudo viam o quanto uma mulher era virtuosa de acordo com o quão grande era o seu cabelo/tranças, mas qual é de fato a grande diferença entre essas duas palavras: "beleza" e "virtude" que era como os africanos entendiam o cabelo da mulher? E como o padrão branco exige geralmente o cabelo do negro? Em ambas as sociedades ainda sim o corpo feminino precisa ser moldado e atender a um certo padrão exigido para enfim ser considerado bonito. Um exemplo disso foi o recente caso que ocorreu durante o Oscar de 2022, no qual o humorista Chris Rock fez reproduzir uma violência racial ao ser referir à ausência do cabelo da atriz Jada Pinkett Smith - causada por uma doença autoimune, alopecia.

Com tudo isso se chega à conclusão de que a transição capilar para as mulheres é muito significativa e pessoal, não só por ser um desejo da mesma, um ato também de coragem, curiosidade, e de fortalecimento, auto aceitação e resistência. Além de ser um livramento das correntes do padrão de beleza eurocêntrico. No depoimento de algumas entrevistas, percebe-se o sentimento de livrar-se do aprisionamento e da imposição do padrão de beleza branco, ao romperem com o uso de químicas em seus cabelos:

“Cansei de ficar refém do alisamento” [Trancista 2]

“Há três anos, pois percebi que não era meu querer” [Trancista 1]

Questão 3: Por que você trançar os cabelos?

Algumas entrevistadas relatam que as tranças foram uma forma encontrada para passar pelo processo de transição capilar, além de ser dito de diversas formas como as tranças fizeram as entrevistas se sentirem mais próximas de suas origens ou identidade negra, mais bonitas sem ter que atender as expectativas de um estético padrão social, além de promover uma mudança na aparência sem precisar passar por nenhum tipo de química no cabelo.

“Tranço porque me sinto bem, me sinto mas minhas origens, é a minha identidade”[Entrevistada 3].

“Para me conectar com minhas origens, da qual me afastei por muito tempo”[Entrevistada 8]

“Eu me sinto linda de trança” [Entrevistada 6].

Em outros casos, as entrevistadas consideram que as tranças podem ser uma válvula de escape para resistir durante a transição capilar, também entendem

que as tranças de certa forma vêm para o bem e um pouco para o mal, porque às vezes se torna algo que de certa forma pode privar a pessoa de aprender mais sobre o seu cabelo natural, pelo simples fato de ficar pensando no que os outros vão pensar delas quando não tiverem mais as tranças.

“Atualmente, eu tranço porque eu gosto de mudar de cabelo. Mas quando eu fiz o BC (big chopp¹⁵) eu colocava tranças, pois me sentia melhor aceita com o cabelo trançado, os olhares e os comentários que eu recebia eram diferentes. E com o passar do tempo eu me sentia “refêm” das tranças da mesma maneira que eu era com a química capilar” [Entrevistada 1].

“Porque é uma forma de mudar um pouco o visual, sem danificar o meu cabelo e sem tentar me encaixar em um padrão posto pela sociedade” [Entrevistada 2].

“Na real mesmo, é uma maneira de fugir do meu cabelo crespo, apesar de ter ‘aprendido’ a lidar com meu cabelo natural, nem a todo momento me sinto bem com ele” [Entrevistada 4].

E apesar do lema "aceite a si mesma do jeito que é" dita pela própria mídia, a mesma é contraditória ao impor um padrão de beleza, e iludir por muito tempo prometendo, ao propagar produtos de cabelos que farão os cabelos crespos ficarem com cachos grandes e volumoso e brilhantes, e quando alguém passa pela transição capilar e tem uma quebra de expectativa, talvez até por conta disso se é preferido continuar com a química ou com as tranças, mesmo às vezes depois de já ter aprendido a "lidar" com o próprio cabelo.

Algumas entrevistadas destacaram ainda o valor estético, a beleza e o fato de se sentirem “estilosas” ao usarem as tranças.

Questão 4: Qual foi sua primeira experiência com tranças ou penteados afros? E como você se sentiu?

As entrevistadas destacaram que decidiram usar as tranças como uma forma de resistir à violência do racismo, frente a um comentário racista ou por estarem passando pela transição capilar (que exige certa coragem da pessoa em deixar para trás que a cultura do alisamento é a melhor forma para se sobreviver em uma sociedade racista), e por se sentirem mais aceitas, com a autoestima melhorada e mais femininas assim, enfatizaram que através disso tiveram uma espécie de reconciliação consigo mesmas.

“Sempre gostei bastante de ambos, porém devido aos comentários de cunho racista e preconceituosos que eu recebia, me sentia mais bonita e feminina quando estava de trança” [Entrevistada 1].

“Minha primeira experiência foi a um ano atrás e me senti bonita, empoderada e forte” [Entrevistada 9].

“Foi quando eu botei box braids. Eu me senti diferente e maravilhosa” [Entrevistada 2]

"Desde pequena minha mãe trança os meus cabelos, me sinto maravilhosamente bem. É um momento de identificação!" [Entrevistada 3]

“Sempre tive contato com tranças - minha mãe fazia. Mas a minha primeira iniciativa própria foi com a box braids no primeiro momento foi estranhos, mas alguns dias depois me acostumei e gostei bastante, foi uma sensação de maior presença e até mesmo de estar mais bonita” [Entrevistada].

Algumas relataram que após ter começado a usar tranças a opinião de pessoas dizendo como o cabelo deveria ser ou não ser, dando “dicas” não solicitadas, atrapalharam bastante a pessoa ter uma outra visão das tranças que não fosse associada àquela.

“Eu só usei tranças uma vez, e durante o tempo que usei foi desconfortável por causa das pessoas opinando sobre o meu cabelo” [Entrevistada 8].

Nos diversos comentários verifica-se a ideia de que ter o cabelo trançado é ter o cabelo mais "arrumado", compreende-se através de respostas como essa que trançar o cabelo ainda é tratado como uma espécie de “segundo alisamento” se forem comparadas com as primeiras respostas da questão 1 – nas quais os relatos de algumas entrevistadas associam o fato de ter o cabelo liso é associado a ter o cabelo "arrumado". Uma das respostas das entrevistadas representa bem isso, ao relatar que se sente um pouco desconfortável e até ansiosa ao usar seu cabelo natural, por acreditar que talvez ele esteja "desarrumado" ou “amassado atrás”.

Percebe-se que para além do valor estético que a sociedade nos exige o tempo todo, principalmente para as mulheres, esse valor estético também exige a máxima “perfeição” em todos os aspectos.

Alguns relatos relembram a infância das crianças negras que tinham seus fios trançados por suas avós ou mães, em alguns casos as entrevistadas afirmam que apesar de, às vezes, ficarem apertados, a maior memória desses momentos é sobre a autoestima que estes penteados traziam para as entrevistadas.

Questão 5: Já esteve/ ficou em uma situação constrangedora por usar esse penteado ou por usar o seu cabelo crespo de alguma outra forma? Qual foi (resposta opcional)?

“Sim! Minha avó sempre faz comentários desagradáveis em relação ao meu cabelo, ainda que ela seja uma mulher negra e de cabelos crespos (ela faz relaxamento)” [Entrevistada 1].

Conforme analisado na resposta à questão 1, a reprodução do racismo, por vezes inicia-se por parte de membros da própria família negra. Essa atitude, por parte de algumas pessoas da população negra, gera “surpresa” e questionamento no senso comum em nossa sociedade. No entanto, compreende-se que a reprodução do racismo revela o quanto este é perverso, o quanto é destrutivo e o quanto essa internalização do racismo e reprodução do mesmo pela população negra é estratégico para a manutenção dos privilégios da branquitude e projeto de dominação que predomina em nossa sociabilidade.

Considera-se que a reprodução do racismo pode ser entendida como um ato meio que de "sobrevivência" por parte das pessoas negras em uma sociedade racista, na qual estas pessoas tem que alisar ou relaxar seus fios para ser minimamente aceita (o), e como isso não bastasse para se camuflar e se esconder dos atos e olhares preconceituosos depois de muito tempo ter vivido assim, resta apenas a opção de lutarem contra isso ou de consequentemente internalizar e naturalizar isso na visão de pessoas de afrodescendência.

Outro incômodo relatado pelas entrevistadas foi o permanente questionamento por parte das pessoas sobre como uma pessoa usuária de tranças faz para lavar suas tranças – como se fosse um tipo de cabelo diferente de outro cabelo qualquer, e que exige cuidados específicos como todos os demais cabelos. Essa postura revela o racismo mascarado que caracteriza a sociedade brasileira, pois por trás desses comentários há a percepção de que os cabelos afros são exóticos e de difícil tratamento e cuidados. Apesar da diversidade cultural brasileira, nossa sociedade não tem nem um pouco noção disso. Dessa forma predomina a perspectiva eurocêntrica e racista aprendida na escola, a de que o negro era escravo, e antes dos negros africanos serem escravos os povos indígenas junto com o país foram "descobertos" pelos portugueses, que os povos escravizados são sujos, nojentos, selvagens e primitivos, e depois uma princesa "boazinha" libertou os escravos. Nesse processo todo, o racismo estrutural foi naturalizado, e as denúncias da

população negra acerca das violências raciais sofridas foram e são rotuladas de "vitimismo".

Assim, o que resta à população negra é se "encaixar" no padrão visto apresentado como perfeito (ou pelo menos assim é o desejado), diante das violências discursivas em relação aos seus cabelos, ao longo de suas vidas, como relatam as entrevistadas abaixo:

“(...) já fui chamada de cabelo de vassoura, leão e que parecia que eu tinha levado um choque” [Entrevistada 9].

“Sim, um conhecido já falou que meu cabelo parecia cabelo de mendigo” [Entrevistada 6].

As pessoas com cabelos considerados como "amassados" e "desajustados" não tem lugar de escuta e nem de fala, assim o cuidado para manter o cabelo sempre "arrumado" e “bem visto” é o principal foco da ainda maioria da população negra - enquanto se é ouvido falas preconceituosas sobre o quanto seus fios são "feios", ou fazendo comparações de cunho preconceituoso ou com "dicas" desnecessárias dadas por pessoas conhecidas ou às vezes não.

Questão 6: Você acredita que esse penteado te conectou ou te reaproximou com sua identidade negra? Como? E por quê?

“Sim! Me reaproximou das minhas origens, de quem sou e de onde pertenço! As tranças são representações muito significativas para mim, portanto ao usá-las, sinto que minha identidade, minha origem está realmente em mim, então me sinto bem demais com isso” [Entrevistada 3]

“Sim, quando você conhece sua história e sua importância não podemos deixar de valorizar e se orgulhar disso” [Entrevistada 5]

A maioria das entrevistadas tem noção da importância do cabelo afro para seus ancestrais, para o conhecimento de suas origens e a importância que isso tem no processo de autoconhecimento, do conhecimento de suas origens ancestrais. Fatores que consideram fundamentais para a valorização de seus cabelos crespos e fortalecimento de suas identidades negras.

“Sim, pois esse penteado remete a um povo que lutou muito para que pudéssemos ser "livres" para usarmos o cabelo do jeito que nós quisermos, trazendo uma sensação de liberdade mesmo com os julgamentos” [Entrevistada 9]

Nas respostas das entrevistadas também se nota que a entrada do cabelo e tranças afros na vida delas despertou uma curiosidade em saber mais sobre o seu cabelo e a forma como ele é penteado, seja com tranças ou qualquer outro penteado de origem afro,

e a busca por esse conhecimento histórico permitiu que algumas delas conhecessem um pouco mais da sua ancestralidade e a força de resistência que traz justo com ela.

Também nas falas vemos uma fala impressionante em que duas das entrevistadas dizem se sentirem parte/incluídas de/em um grupo, algo que talvez não fosse tão visível para elas antes quando ainda tentavam se encaixarem em um outro grupo no qual tinham que alisarem seus fios para fazer parte dele, e assim deixando uma parte de si para conseguir isso.

“Sim, durante muitos anos eu fui forçada a entrar no padrão branco do qual não faço parte, e usar meu cabelo como meus ancestrais usavam me faz sentir parte de algo maior” [Entrevistada 8].

“Sim. Porque eu via as meninas negras usando e elas sabiam quem eram e se amavam eu queria aquilo, foi como se eu estivesse sendo incluída (pertencente ao um grupo)” [Entrevistada 2]

Umas das entrevistadas afirmou que não se sentiram mais próximas da sua ancestralidade por usarem o cabelo da forma que usam, e em uma fala a entrevistada enxerga as tranças com um valor mais estético.

De maneira geral, a felicidade por ter se livrado dos padrões eurocêntricos e de terem se conectado com suas origens negras é nítida.

Questão 7: Você se sente empoderado (a) de alguma forma quando está usando esse penteado ou seu cabelo crespo sem nenhum penteado específico?

De maneira geral, as respostas revelam que as tranças ou uso dos cabelos crespos sem química influenciam na autoestima da população negra.

Porém, percebem-se algumas divergências nas respostas das entrevistadas. Em algumas das respostas é possível ver o orgulho, sensação de liberdade, amor e adoração pelo seu cabelo, seja com ou sem tranças, e pelo que o mesmo significa.

“Com toda certeza! Assumir meu cabelo crespo e trançar o cabelo é assumir quem eu sou! E sinto orgulho demais nisso” [Entrevistada 3].

“Quando eu coloco tranças me sinto mais bonita e apresentável e isso faz com que eu me sinta mais empoderada” [Entrevistada 4].

“às vezes. A aparência influencia muito na autoestima de uma pessoa então quando meu cabelo está como eu quero, eu me sinto bem comigo mesma” [Entrevistada 5].

Já em uma das respostas, esse amor só se estende às tranças, mas não exatamente ao cabelo crespo, e isso pode ser lido como um medo de que essa pessoa nutre do que a outras pessoas vão pensar em relação aquele cabelo, e um pouco do olhar europeu do

medo de não saber "lidar" com o cabelo, e em outra fala também há uma visão eurocêntrica presente nessas falas que é reproduzido pela própria pessoas.

“Sim! Aceitar o meu cabelo e usá-lo “natural” é/foi uma forma de resistência. Porque foi necessário eu resistir e aprender a lidar com os olhares e comentários violentos, agressivos e preconceituosos que eu recebia (até mesmo dentro da minha casa) e não cair na tentação de voltar à alisá-lo” [Entrevistada 1]

Questão 8: Acredita que na maioria dos casos as tranças são mais bem vistas ou mal vistas? Por quê?

A maioria das entrevistadas disse que as tranças são bem vistas. No entanto, ao analisar as justificativas para essa resposta, verificou-se que esse mesmo grupo acabou se dividido em dois. Um grupo destacou que as tranças são bem vistas sim, porém só atualmente por se assemelhar ao cabelo liso, no sentido de "controlarem" o volume do cabelo crespo ou por estarem na "moda". Alguns entrevistados citam que a compreensão das tranças nessa perspectiva esvazia seu sentido de fortalecimento da identidade negra, pois serem entendidas dessa forma é até errado, pois o significado verdadeiro das tranças acaba se resumindo a nada.

“Atualmente, com uma certa “modinha”, as tranças tem sido “bem vistas” (mesmo algumas pessoas colocando-as sem nenhum tipo de conhecimento acerca da representatividade), mas ainda sim existe muito a se desconstruir nessa sociedade preconceituosa, racista!” [Entrevistada 3]

“Acredito que são mais bem vistas. As pessoas ainda têm preconceito com cabelos crespo e as tranças as "esconde" e por isso é mais fácil aceitar uma pessoa negra com tranças do que uma com o cabelo natural”. [Entrevistada 4]

Apesar das tranças estarem começando a ter um lugar mesmo que estética na "moda" ainda assim o cabelo natural black/crespo não tem essa mesma aceitação.

“Atualmente são mais bem vistas, pois em comparação ao cabelo crespo/black elas se assimilam mais ao cabelo liso/ de ‘raiz baixa’” [Entrevistada 1].

“Mais bem vistas, porque o volume dos nossos cabelos ainda é algo para ser debatido” [Entrevistada 2].

“São mais bem vistas, pois o cabelo trançado fica mais alinhado e menos volumoso, fazendo com que as pessoas achem que é mais bonito” [Entrevistada 9].

Diante disso, é preciso refletir sobre: por que o cabelo negro tem que ser discutido para finalmente ser aceito socialmente? E porque na infância primeiro praticamente nos é ensinado a amar o cabelo liso, e não o nosso? Porque o volume do nosso cabelo crespo tem que ser "contido" de alguma forma? E por que devemos ter debates acerca disso em

pleno século 21? Porque a sociedade homogênea do século 21 em que vivemos não é apenas racista, mas estruturalmente racista, e que tem um sonho de padrão de beleza idealizado pelos colonizadores do século 16.

Em outros comentários em que a resposta foi que as tranças não são bem vistas, encontramos relatos são bem significativos, como o fato da sociedade associar homens negros de tranças como homossexuais ou sujos, além da associação de que as tranças em pessoas negras são feias e em pessoas brancas são bonitas, segundo o julgamento social, e que se confirmar ao fazermos uma pesquisa por "tranças feias" e "tranças bonitas" feita no Google que mostra que: ao pesquisarmos por "tranças bonitas" aparece na maioria das buscas - mulheres brancas usando tranças, e só uma pequena quantidade de mulheres negras aparecem nessa pesquisa. Já na pesquisa por "tranças feias", na maioria das buscas, aparece, (mesmo com algumas atualizações no Google) aparece mulheres de descendência afro usando tranças.

Então ao falar sobre a trança ser bem vistas ou mal vistas é possível notar que atualmente as tranças são bem vistas, mas em alguns caso isso ainda têm seus "mas" e "porém", e que para além disso quem consegue lucrar com isso de fato é a indústria comercial.

Questão 9: Qual é a sua melhor ou pior lembrança das tranças

Verifica-se com frequência, nas respostas, que diante do uso das tranças pelas entrevistadas a maioria ou todas já sofreram com algum comentário maldoso a respeito de suas tranças ou alguma piada um tanto preconceituosa.

Em um dos relatos, a entrevistada não sabia dizer ao certo porque sentia tanto medo de sair na rua com as tranças, mas acreditamos que isso acontece pelo medo consciente, e às vezes inconsciente, do racismo e por ver várias pessoas conhecidas ou não, que tinham passado por um preconceito vinda de diversas partes, por usar o cabelo crespo sem química, evidenciando a existência, permanência e a potência do racismo estrutural em nossa sociedade.

Em um dos relatos, a entrevistada relata que tranças passaram a ser usadas como uma arma para proteger uma criança do racismo, mas de certa forma o racismo sempre deu um jeito de afetar a população negra seja pelo ato que fere a outra pessoa ou pela falta de ação de uma pessoa diante de um ato racista.

“Quando eu era criança, minha mãe me acordava mega cedo para trançar meu cabelo, pois as professoras não sabiam cuidar dele e eu sofria bullying/racismo devido ao penteado” [Entrevistada 1].

Outro aspecto importante a ser destacado e que pouco se sabe é que o uso intensivo de química no cabelo pode afetar este no momento que uma pessoa trança o cabelo, pois por conta da química os fios dentro da trança quebram, e causam uma queda de cabelo o que pôde ser assustador para pessoa que coloca trança pela primeira vez, mas isso é totalmente normal nesses casos. Pela falta de informação desse tipo, muitas pessoas acreditam que as tranças danificam seus cabelos. No entanto, não é bem assim, e por conta do desconhecimento dos cuidados necessários, as pessoas acabam desistindo de prosseguir com o processo de transição capilar.

Apesar das violências raciais sofridas em relação ao uso dos cabelos crespos, as entrevistadas consideram que o uso das tranças influenciou no aumento de sua autoestima, assim como de pessoas próximas a elas.

“As vezes que trancei o cabelo da minha filha que estava em depressão e com baixa estima acho mágico esse dom de mudar a visão das pessoas com elas mesmas” [Trancista 2]

Questão 10: Você considera que o uso do cabelo crespo e os penteados afros são importantes para a luta antirracista? Por quê?

Essa questão foi uma das que mais a respostas foram afirmativas, por considerarem a luta antirracista de grande importância em uma sociedade racista que faz a população negra odiar ser negra/o e, por conta disso, buscar enquadrar-se no padrão de beleza branca. As entrevistadas enfatizaram que o cabelo afro e seus penteados também podem ser usados como uma arma de resistência ao racismo e ao padrão imposto na sociedade já que os mesmos são os alvos escolhidos para serem atacado durante agressões racistas.

“Sim. Porque é uma forma de nos reafirmarmos na sociedade pois o meio estético também é racista, logo nossos cabelos não são só cabelos mas resistência. Assim podemos ajudar a empoderar meninos e meninas negros a se amarem em uma sociedade excludente e maçante, que camufla o racismo em todos os meios sociais” [Entrevistada 2].

“Sim, porque tendo em vista que o cabelo crespo é um dos principais alvos racistas, o uso do cabelo crespo e os penteados afros são uma resistência antirracista” [Entrevistada 3].

Além disso, as entrevistas também indicam em suas respostas que a representatividade negra acaba se tornando importante nos meios sociais para juventude negra no Brasil, assim se tornando possível que essa juventude abraçasse suas origens, história e identidade negra sem interferência da visão colonial. E para que assim possamos quebrar essa visão e tirar esse estereótipo do que é o cabelo e penteados afros

que geralmente são vistos como sujos, desarrumados e relaxados, e que infelizmente essa visão eurocêntrica acaba sendo reproduzida por pessoas da diáspora negra.

“Sim, a partir do uso dos penteados ou cabelos crespo é possível representar como símbolo de resistência aos padrões de beleza que a sociedade cria” [Entrevistada 9].

“Sim, porque como são mal vistas em nossa sociedade, usar isso se torna uma resistência”.

“Sim, e necessária para nosso empoderamento. Pois, nosso cabelo é parte de quem somos usa ele significa que não vamos desistir”.

“Sim! Pois passar pela transição e não usar química é uma forma de negar o padrão imposto pela nossa sociedade (que é altamente racista) que é diariamente posto sobre corpos negros” [Entrevistada 1].

“Sim, pois eles quebram a visão de desarrumados, sujos e relaxados que as pessoas têm e nos fazem abraçar os nossos cabelos e não odiá-los. E sim, eu conheço pessoas, inclusive negras, que compartilham dessa visão preconceituosa” [Entrevistada 5].

“Sim, é aceitar nossas origens e história, mudar o pensamento enraizado negativo, de que tranças e cabelo crespo é feio. E começar a se valorizar e amar do jeito que é” [Entrevistada 6].

Questão 11: Ao trançar um cabelo, como você se sente? (questão direcionada apenas para as trancistas)

As trancistas afirmaram que se sentem orgulhosas e completas ao fazerem isso, pois consideram que contribuem para fortalecer a autoestima das pessoas negras, que estão passando por um período de transição ou estarem buscando novas formas de se adornar sem esquecer-se de suas origens.

4. CONCLUSÃO

Com essa pesquisa concluo que o uso e o estudo das tranças e penteados afros são de uma essência e grandeza cultural negra muito forte, que está sempre se readaptando e se resignificando durante várias gerações, sem perder suas raízes identitárias negras. No entanto, por mais que sejam tão esplêndidos e maravilhosos, por serem elementos fundamentais para o processo de (re) afirmação da identidade e da cultura e história negras, verificou-se ao longo da pesquisa que ainda há pouco conhecimento social dos penteados afros e tranças, por mais que tenham leis previstas que são justamente uma forma de preservar a cultura negra nas escolas, ainda não são amplamente e efetivamente implementadas. Se houvesse mais representatividade negra dentro e fora da escola, nas TVs, nas mídias, assim como tem o papel do embranquecimento haveria muito mais

orgulho na identidade negra e construção de instrumentos políticos que poderiam contribuir na luta antirracista. As escolas deveriam ensinar mais do que os "escravos negros" ou sobre "como foi a escravidão", deveria falar sobre a cultura e a identidade negra em si. E também fazer seus alunos se questionarem sobre as marcas que ficaram pós-escravidão, e sobre movimentos de resistências negras geradas desde então, dando lugar de fala às resistência das mulheres negras que também estiveram presentes em momentos decisivos da história de nosso país, não só com seus cabelos, mas também de corpo e alma.

Vivemos em uma sociedade racista e alienada, que apaga a história, a memória, assim como, traços identitários considerados indesejados, como os das populações negras e indígenas. A sociedade deveria falar e lutar mais contra isso, e não normalizar isso e julgar como vitimismo. Não só me refiro somente à cultura afro, mas também a indígena que é uma cultura muito apagada pela sociedade que ainda tem um pouco da visão dos portugueses colonizadores.

Considero que não podemos aceitar isso, pois como nos ensina Conceição Evaristo: "eles combinaram de nós matar, mas nós combinamos de não morrer"¹⁶. E também finalizo com um poema da autora Victoria Santa Cruz que me identifico muito, e que acredito que vá de encontro com tudo com o que essa pesquisa afirma o tempo todo:

Tinha sete anos apenas, apenas sete anos, que sete anos! Não
chegava nem a
cinco!
De repente umas vozes na rua me gritaram. Negra! Negra! Negra!
Negra!
Negra!
Negra! Negra! Negra! "Por acaso sou negra?" – me disse. SIM!
"Que coisa
é ser negra?"
Negra! E eu não sabia a triste verdade que aquilo escondia. Negra!
E me
senti negra,
Negra! Como eles diziam Negra! E retrocedi. Negra! Como eles
queriam.
Negra!
E odiei meus cabelos e meus lábios grossos e mirei apenas minha
carne
tostada
E retrocedi. Negra! E retrocedi . . . Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra!
Negra!
Neeegra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra!E
passava o tempo,
e sempre amargurada. Continuava levando nas minhas costas

¹⁶ (Mídia Ninja 26 de outubro de 2018,
<https://www.facebook.com/164188247072662/posts/1318568601634615/>)

minha pesada
 carga
 E como pesava!... Alisei o cabelo, Passei pó na cara, e entre
 minhas
 entranhas
 sempre ressoava a mesma palavra. Negra! Negra! Negra! Negra!
 Negra!
 Negra! Neeegra!
 Até que um dia que retrocedia , retrocedia e que ia cair. Negra!
 Negra!
 Negra! Negra!
 Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra!
 Negra! Negra!
 Negra!
 E daí? E daí? Negra! Sim. Negra! Sou. Negra! Negra. Negra!
 Negra sou
 Negra! Sim. Negra!Sou. Negra! Negra. Negra! Negra sou. De hoje
 em diante
 não quero
 alisar meu cabelo. Não quero. E vou rir daqueles, que por evitar –
 segundo
 eles –
 que por evitar-nos algum disabor. Chamam aos negros de gente de
 cor.
 E de que cor! NEGRA. E como soa lindo! NEGRO. E que ritmo
 tem! Negro
 Negro Negro
 Negro Negro Negro Negro Negro Negro Negro Negro Negro Negro
 Negro Negro
 Negro
 Afinal. Afinal compreendi. AFINAL. Já não retrocedo. AFINAL.
 E avanço
 segura
 AFINAL. Avanço e espero. AFINAL. E bendigo aos céus porque
 quis Deus
 que negro azeviche fosse minha cor. E já compreendi. AFINAL. Já
 tenho a
 chave!
 NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
 NEGRO
 NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
 Negra sou! (Victoria Santa Cruz, 1960)

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Lizandra Andrade. **Tranças, ancestralidade e resistência**. Minas Gerais, 10 mai. 2021. Disponível em: <<https://primeirosnegros.com/trancas-ancestralidade-e-resistencia/>>. Acesso; 28 de set. de 2021.

Apresentadora é acusada de racismo após piada sobre uso de dreads no tapete vermelho. **O globo**, [S.I.], 2015. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/gente/apresentadora-acusada-de-racismo-apos-piada-sobre-uso-de-dreads-no-tapete-vermelho-16948632>. Acesso em: 22 de fev.2022.

BRASIL. Lei Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir

no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 140, n.8, p.1, 10 jan. 2003.

BRASIL. Lei Nº 11.645, de 10 março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 145, n. 48, p.1, 11 mar. 2008.

CLEMENTE, F. A. **Tranças afro - A cultura do cabelo do cabelo subalterno**. 2010. 6 - 13 p. Dissertação (Mestrado em distúrbios da comunicação) - Curso de especialização em Gestão de Projetos Culturais e Organização de eventos de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Acesso em: 14 de jun.

CRUZ, V. **Me gritaram negra, poema de Victoria Santa Cruz** de 21 mar. de 2015. Em 21 de março de 1960, em Joanesburgo, na África do Sul, 20.000 pessoas [...]. Disponível em: https://feminismo.org.br/me-gritaram-negra-poema-de-victoria-santa-cruz/1846_8/. Acesso em: 08 de jun. de 2021.

DANTAS, Ana Beatriz. **Tranças - O Curta: mais do que estética, as tranças são herança da ancestralidade afro**. Dantas: Ana Beatriz, 2021. 1 vídeo (1:43 min). Disponível em: <<https://youtu.be/H8ZJtzVK2QQ>>. Acesso em: 25 de mai. de 2021.

DOMINGUES, P. et al. Movimento da negritude: uma breve reconstrução história. **Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 10, n. 1, p. 1-9, jan/jun. 2005. Acesso: 18 Nov. 2021.

GOMES, L. N. et al, **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?**. Revista Brasileira de Educação, Minas Gerais, 2002, v. xxx, n. 21, p. xxx, set. /dez. 2002. Acesso em: 14 jun. 2021.

ISAÍAS, Gabriela. **MINICURSO | A história das tranças: a atemporalidade das tecnologias africanas de beleza e resistência**. Isaías: Gabriela, 2021. 1 vídeo (1:15:44). Disponível em: <<https://youtu.be/iBh610kxa5Y>>. Acesso em: 28 set. 2021.

MARQUES, Teté. **Tranças: O penteado que reverencia a cultura africana**. Moça criada. [S.I.], out. 2020. Disponível em: <<https://www.mocacriada.com.br/trancas-o-penteado-que-reverencia-a-cultura-africana/#comments>>. Acesso: 28 set. 2021.

NAIZ, T. Tamara Naiz: **Sobre tranças e apropriação cultural** de 14 de jan. de 2019. Estava eu navegando na internet e me deparei com a foto de uma famosa ostentando um cabelo crespo artificialmente após colocar tranças. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2019/01/14/tamara-naiz-sobre-trancas-e-apropriacao-cultural/>. Acesso em: 30 de abr. de 2021.

OLIVEIRA, X. L. et al. Visões sobre o movimento black rio: apontamentos teóricos sobre estilo, consumo cultural e identidade negra. **ANIMUS**, [S.I.], v. 14, n. 27, p. 79-83, 2015.

PEQUENO, A. et al. História sociopolítica do cabelo crespo. **ZCULTURAL**, [S.I.], v.

RIBEIRO, Katiúscia, **O futuro é ancestral**. Disponível em: In: <https://diplomatie.org.br/o-futuro-e-ancestral/>. Le monde diplomatique, 19.11.2020, acervo Online Brasil. Acesso em 20/09/2021.

SANTOS, Luane Bento dos. et al. **Bens culturais afro-brasileiros: O ofício de mulheres negras trançadeiras em debate**. Revista Eixo, Brasília, v. 8, n. 2, p. 127/ 130, jun./dez. 2019. Acesso em: 14 de jun. de 2021.

SANTOS, Luane Bento dos. et al. **Entre tramas e adornos: O legado africano de tranças cabelos por uma perspectiva do patrimônio cultural**. Revista Ensaios e Pesquisas em Educação e cultura, [S. I.], v. 6, n. xxx, p. 131, jan. 2019. Acesso em: 14 de jun. de 2021.

SAUIMBO, S. M; ROCHA, M. D. et al. **História da África antiga pela arqueologia e história: penteados nilotico-etíopes em sala de aula**. Maranhão, v. 9, n. 2, p. 40- 51, 2017. Acesso em: 14 de jun. 2021.

SILVA, C. C. **Penteados afro-brasileiros: Uma expressão etnocultural**. 2012. 2 - 10 p. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais: cultura, desigualdade e desenvolvimento) - Faculdade de Ciências Sociais de Niterói, Universidade do Rio de Janeiro, Niterói, 2012. Acesso em: 14 de jun. de 2021.

SILVA, C. P.; BRAGA, M. A. **Transição capilar: O cabelo como instrumento de política através da identidade e suas influências**. 2015. 1-3 p. xxx - Faculdade Integradas do Norte de Minas- Funorte, Montes Claros, MG, 2015.

Titi, filha de Giovanna Ewbank e Bruno Gagliasso, é alvo de racismo. **EXTRA**. [S.I.], 2017. Disponível em: <https://m.extra.globo.com/famosos/titi-filha-de-giovanna-ewbank-bruno-gagliasso-alvo-de-racismo-22116918.html>. Acesso em: 22 de fev. 2022.

Anexo

QUESTÕES PARA OS SUJEITOS DA PESQUISA: (trancistas e pessoas usuária de tranças)

Precisamos separar as questões

1. Você já alisou seu cabelo alguma vez? Por quê?
2. Quando e por que parou de alisar?
3. Por que você trança os cabelos? (Ambos)
4. Qual foi sua primeira experiência com tranças ou penteados afros? E como você se sentiu? (trancistas/ pessoa usuária de tranças)
5. Já estive/ ficou em uma situação constrangedora por usar esse penteado ou por usar o seu cabelo crespo de alguma outra forma? Qual foi (resposta opcional)? (pessoa usuária de tranças)
6. Você acredita que esse penteado te conectou ou te reproximou com sua identidade negra? Como? E por quê? (Trancista/ pessoa usuária de tranças)
7. Você se sente empoderado (a) de alguma forma quando está usando esse penteado ou seu cabelo crespo sem nenhum penteado específico? (pessoa usuária de tranças)
8. Ao trançar um cabelo, como você se sente? (Trancista)
9. Acredita que na maioria dos casos as tranças são mais bem vistas ou mal vistas? Por quê? (Ambos)
10. Qual é a sua melhor ou pior lembrança das tranças? (pessoa usuária de tranças)
11. Você considera que o uso do cabelo crespo e os penteados afros são importantes para a luta antirracista? Por quê?